

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Vera Irene Jurkevics¹, Doutora em História – UFPR
vera.jurkevics@utp.br

¹ Doutora em História Religiosa pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professora da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e membro do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER).

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o significado da Basílica de São Pedro, tanto a antiga, construída nos tempos de Constantino, para materializar a institucionalização da Igreja Católica no Império Romano, quanto a nova, edificada no período da Renascença e que mantém, basicamente a mesma configuração até hoje. A motivação desse estudo transcende o processo histórico de sua construção, propriamente dito, para deslocar-se para o campo das relações de poder político que estiveram em jogo, interna e externamente, durante sua construção, bem como, focalizar os aspectos artísticos desse empreendimento que contou com arquitetos, escultores e pintores como Miguel Ângelo, Donato Bramante, Rafael, Gian Carlo Bernini, entre outros que contribuíram para a transformação da basílica e de todo o complexo conhecido como Palácio Apostólico, além dos Museus do Vaticano e da Cúria Romana, no centro das atenções da cidade do Vaticano ou como muitos a referenciam, a Cidade Eterna.

Palavras-chave

Basílica de São Pedro; Roma; cristianismo.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the meaning of San Peter's Basilica, both the old raised in ancient times of Constantine, to materialize the Institutionalization of the Catholic church during Roman Empire, and the new, built during Renaissance period which keep basically the same configuration until modern days. The motivation for this study transcends the historical process of the construction itself, it approaches the field of political power that was at stake inside and outside the site during its construction, as well as focusing on artistic process of development that counted with architects, sculptors and painters such as Michelangelo, Donato Bramante, Rafael, Gian Carlo Bernini among others that contributed to transform the Basilica and the complex known as Apostolic Palace, in addition to Vatican Museums and Roman Curia, to the center of attention of the Vatican, or as people refer, The Eternal City.

Keywords

San Peter's Basilica, Rome, Christianity.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

A Basílica de São Pedro, tal como a conhecemos hoje, constituiu-se num dos empreendimentos mais ambiciosos de todos os tempos, alimentou a cobiça, a inveja e o orgulho de papas, arquitetos, pintores e escultores ao longo de 120 anos, entre 1506 e 1626, período crucial do Renascimento Italiano, quando ocorreu uma completa transformação de valores estéticos, progresso na arquitetura e na engenharia, e permitiu a materialização do monumental projeto de edificação da Basílica de São Pedro.

Escândalos envolvendo corrupção e gastos astronômicos geraram ressentimentos contra a Igreja Católica, a partir de seu próprio interior, culminando, ainda no começo do século XVI, com a Reforma Protestante. Tudo indica que a motivação religiosa e que as questões de fé foram comparilhadas tanto pela paixão pelo dinheiro, quanto pelo poder, porque tudo o que se pensar em termos da Basílica é exorbitante, que ocupa uma área total, incluindo as dependências apostólicas e a Praça de São Pedro, de mais de 22.000 metros quadrados. Só a fachada central mede mais de 100 metros de altura, a nave central tem quase o dobro de comprimento, enquanto a cúpula, do lado externo, atinge um pouco mais de 137 metros, com um diâmetro que ultrapassa 40 metros na base.

Por esses e outros números, o complexo que representa a sede da cristandade forma um dos mais ricos exemplos de ambiente arquitetônico e urbanístico, de História, de poder, de arte e patrimônio cultural.

A BASÍLICA DE CONSTANTINO

Tempos depois da vitória de Constantino² sobre Magêncio, considerado usurpador do Império Romano, o Imperador, deu início à construção de uma basílica como forma de dar visibilidade legal à

² Segundo Paul Veyne (2010), Constantino na noite anterior ao confronto decisivo com seu adversário (28/10/312), na batalha da Ponte Milvio, teria tido um sonho ou uma visão em que um deus cristão lhe prometeu que “*In hoc signo vinces*” (Sob este signo vencerás) e, na manhã seguinte, antes da batalha, mandou pintar, no escudo dos soldados, um crisma, formado pelas duas primeiras letras, X e P, superpostas e cruzadas do nome de Cristo em latim. Tradicionalmente outros autores refe-

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

religião que acabava de ser institucionalizada. O local escolhido, extremamente emblemático, foi o antigo Circo de Nero, onde eram executados os cristãos durante o regime daquele imperador, sendo que o mais importante deles foi o Apóstolo Pedro, supliciado e sepultado ali, em 67. Tratava-se de um local fora dos muros de Roma, na margem oposta do rio Tibre, chamado *Ager Vaticanus*, denominação não derivada do latim, mas do etrusco, povo que adorava, entre outras divindades, Vatika, a deusa protetora das necrópoles, as cidades dos mortos.

As obras da basílica que Constantino começou a edificar em homenagem de Simão Pedro tiveram início entre 318 e 322, e levaram três décadas para serem finalizadas, representando a partir de então a continuidade papal, uma vez que Pedro é considerado, na tradição cristã, o primeiro bispo de Roma. Por outro lado, a marca inicial daquela obra ficou marcada por expressivo valor simbólico, pois o imperador teria, ele próprio, cavado o chão, enchido e enterrado 12 sacos de terra, que representavam cada um dos apóstolos, o que tornava aquele lugar, um espaço hierofônico, sacralizado, ou ainda, segundo o fenomenologista Mircea Eliade (1996), revelava, naquele momento, a realidade absoluta e a orientação fundante do cosmo para o homem cristão.

O cristianismo que havia se configurado como uma religião simples para gente humilde, marginalizada e perseguida, com a legitimação de Constantino, entrelaçou fé e política e quando o Império Romano caiu, no século V, a Igreja se encarregou de preencher o vazio de poder, transformando-se na força dominante da Europa ocidental, num período em que a mensagem simplificada do Cristo tornava-se, gradativamente, mais complexa, ao mesmo tempo em que a hierarquia se intensificava no seu interior, demarcando, simbolicamente, espaços e privilégios na gestão da salvação (BOURDIEU, 2009).

rem-se ao sinal, “responsável” pela vitória de Constantino, como a cruz, signo do cristianismo, como por exemplo, a citação de LE GOFF e TRUONG (2012), “Com esse sinal vencerás, ouve Constantino, antes da batalha [...] enquanto vê no céu a cruz de Cristo e sonha à noite que Deus lhe ordena que faça representar a cruz no alto de um estandarte”. Naturalmente as duas narrativas diferem um pouco, no entanto expressam a mesma força simbólica, isto é, atribuem ao sobrenatural o resultado do enfrentamento entre generais que disputavam o mesmo trono.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Nesse contexto, a antiga Basílica ganhou maior importância tornando-se palco para a coroação de reis e imperadores, além de converter-se em expressivo centro de peregrinação, já que guardava as relíquias de alguns papas e de martirizados da Igreja Primitiva. Mas, na medida em que diferentes grupos bárbaros avançaram, como os hunos, os godos e os vândalos, Leão IV, em meados do século IX, começou a edificar muros de proteção, ao redor do Vaticano³, reforçados e ampliados ao longo do tempo.

Esse cenário se alterou substancialmente no começo do século XIV, após a morte do papa Bento XI (1303–04), supostamente envenenado a mando do rei francês Felipe IV, o Belo, por ter resistido à cobrança de impostos sobre as propriedades da Igreja. Logo que eleito, o cardeal de Bordeaux, Clemente V (1305–14), pressionado pelo rei, transferiu a sede curial para a cidade francesa de Avignon, período conhecido como Cisma do Ocidente ou “Cativo Babilônico”, onde a corte papal permaneceu, por mais de setenta anos, sob a tutela capetíngia. Seria exagero pensar que, durante esses anos, os papas se constituíram em simples peças dos interesses da monarquia francesa, mas é fato inegável que a Igreja perdeu parte do poder e do prestígio supranacional que detinha anteriormente.

Em 1378, Urbano VI, contando com o apoio de alguns monarcas europeus retornou a Roma, dividindo internamente o clero, porque parte manteve fidelidade à Avignon que, até 1414, elegeu papas franceses, os “antipapas”, enquanto em Roma outros pontífices dividiam a unidade cristã, até 1417, quando o Concílio de Constança pôs fim à querela interna com a eleição de um único papa Martinho V (1417–31). O papa voltou a ser “a cabeça que dá aos membros, isto é, os fiéis, a verdadeira doutrina [...] da cabeça partem os nervos que representam a hierarquia clerical que

³ Hoje representa um conjunto de edificações composto pela Basílica de São Pedro, o Palácio Apostólico, (construído na lateral direita da Basílica para quem se encontra na Praça de São Pedro), com mais de 11 mil aposentos, além do Complexo de Museus, com 2 mil salas aproximadamente que guardam 70 mil obras de arte e antiguidades, a Cúria Romana, uma série de escritórios responsáveis pela administração da Igreja, dentro e fora daquele território, o que faz da Cidade do Vaticano, encravada na cidade de Roma, o menor país do mundo, e que abriga a mais valiosa igreja da cristandade ocidental.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

une os membros entre si e a seu chefe, Cristo, de quem o papa tem o lugar e que assegura a unidade da fé” (LE GOFF, e TRUONG, 2012, p. 167).

A esperança da reconstrução de Roma se deu com Nicolau V (1447–55) que desejava tornar incontestável sua condição de capital do cristianismo latino. No entanto, nesse período, tanto antigas edificações pagãs, quanto as igrejas cristãs estavam desmoronando, não havia água potável, saneamento básico, qualquer tipo de calçamento ou segurança nas ruas e estradas próximas. De acordo com Scotti (2007, p. 70) “Roma era um cemitério da História e o fantasma de seu passado imperial estava em ruínas”, mas ainda assim era um solo sagrado, portanto centro de peregrinação.

Nicolau, tido como grande humanista, transformou o Palácio Apostólico, antiga casa de hóspedes para reis e imperadores, em residência oficial do papa e desejava transformar a cidade, em uma Nova Jerusalém, a partir de um novo templo para São Pedro, que expressasse a grandiosidade da Igreja, una e fortalecida, após o período cismático. Para Bourdieu (2009), no entanto, tratava-se de uma unidade de fachada, pois na verdade, desde o século anterior, a Igreja não conseguia dissimular intrigas e conflitos internos, alguns considerados como heresias, logo combatidas.

Na prática, faltavam recursos para essa e outras tantas obras pensadas pelo papa, situação contornada, em parte pelo Ano Santo ou o Jubileu de 1450, que se revelou um sucesso para os cofres pontifícios. Apesar da insegurança e das dificuldades de viagem, levas de cristãos de toda a Europa, como já havia acontecido anteriormente, buscaram a remissão de seus pecados, após orarem nas sete basílicas de Roma⁴. Assim, o papa pôde imprimir um novo ritmo em algumas edificações emergenciais, encomendar outros projetos, bem como financiar artistas de vários ofícios.

Entre 1455, data de sua morte e 1484, ano da eleição de Inocêncio VIII, somente Sisto IV (1471–84) havia impulsionado, de forma efetiva, a reurbanização de Roma e as artes renascentistas,

⁴ As “maiores” ou patriarcais: Basílica de Constantino, de S. João Latrão, Santa Maria Maior, de S. Paulo Extramuros, sob responsabilidade direta do Bispo de Roma, além das “menores”: de S. Lourenço Extramuros, da Santa Cruz de Jerusalém e a de S. Sebastião das Catacumbas, às quais foram concedidos certos privilégios.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

com destaque para a construção da Capela Sistina, no Palácio Apostólico, e que anos mais tarde seria decorada com os célebres afrescos de Miguel Ângelo.

Logo após tomar posse do trono papal, Júlio II (1503–13), deu início a uma série de projetos como se quisesse fazer Roma renascer ou até mesmo a própria Igreja para a sua glória. Autorizou reformas e novas fundações, mandou buscar Miguel Ângelo, em Florença, a quem admirava, sobretudo, pela *Pietà*, e a quem encomendou seu próprio mausoléu, uma obra enorme que deveria representar todo seu poder. No entanto, o gigantismo de seu sonho não se adequava à basílica⁵, por isso, de posse de antigos esboços de Nicolau V para uma possível reforma, ou até mesmo para a construção de outra, Júlio realizou um concurso entre famosos arquitetos para que uma nova catedral fosse projetada, grande o suficiente para abrigar sua morada eterna, o seu mausoléu, e de expressar a supremacia da Igreja que seu cargo representava, numa clara reprodução do que Bourdieu (2009) apontou como sendo a estrutura do sistema de representação que tende a justificar a hegemonia dos que detêm o poder, recebendo dos demais a legitimidade dessa dominação.

Para viabilizar a nova construção, a Basílica de São Pedro⁶, além de muito trabalho humano e recursos, era necessário destruir a Basílica de Constantino, “lugar santificado, quase tão antigo quanto a própria Igreja” (SCOTTI, 2007, p. 33). Para minimizar as vozes contrárias, as diretrizes estabeleceram que só se demolisse partes da velha, na medida em que a nova catedral fosse sendo construída, mesmo porque para o romano, assim como para o peregrino, até então, seu “Umbigo da Terra”⁷, seu centro cosmogônico era a Basílica de Constantino.

⁵ Embora a igreja mais antiga de Roma e sede do bispado fosse São João Latrão, o Santuário de São Pedro era onde havia se desencadeado todo o drama dos tempos iniciais do cristianismo, além de receber peregrinos de todos os cantos da cristandade.

⁶ Doravante grafada BSP.

⁷ De acordo com Eliade, “Encontramos por toda parte o simbolismo do Centro do Mundo, e é ele que, na maior parte dos casos, nos permite entender o comportamento religioso em relação ao espaço em que se vive” (1996, p. 39).

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

BASÍLICA DE SÃO PEDRO

Em abril de 1506, em torno de um fosso aberto, uma procissão de cardeais, de banqueiros, de Maquiavel, na condição de embaixador e de Donato Bramante, ganhador do concurso, assistiu o papa descer por uma escada e depositar no fundo a pedra fundamental da nova basílica, na verdade uma urna com medalhas de ouro em homenagem a cada um dos 12 Apóstolos, supostamente no mesmo local em que Constantino havia, 1200 anos antes, enterrado os sacos de terra, em nome dos mesmos homenageados.

Bramante inspirou-se na antiga para a construção da BSP, com um plano central redondo, provido de uma cúpula que se apoiava num anel de enormes colunas uniformes, representando o Panteão, dos templos pagãos, que no projeto renascentista foi dedicado à Virgem Maria. De qualquer forma, as medidas monumentais exigiam um conhecimento arquitetônico, inexistente desde os tempos imperiais de Roma, o que levou Bramante a estudar antigas estruturas para descobrir como haviam sido feitas.

A ação e, possivelmente, a ambição de Júlio II não se referia apenas à Roma ou à BSP, pelo contrário, liderando um pequeno exército rumou para o norte, na região de Úmbria e de Romagna, território perdido durante o Cativo de Avignon. Príncipes locais haviam se apossado dessas terras e o papa estava decidido a recuperá-las como parte dos Estados Pontifícios⁸, o que de fato aconteceu. Além disso, em pouco tempo, Júlio transformou Roma em importante centro financeiro, com a presença das principais instituições daquela época, como a Casa dos Médici, de Florença e do

⁸ Fruto de duas doações, uma no século VIII, de Pepino, pai de Carlos Magno e a outra, no século XI, da Condessa Matilde, da Toscana. Vale lembrar, no entanto que entre as duas, foi forjado um documento, conhecido como *Doação de Constantino*, ao papa Silvestre I, tempos depois de sua conversão e que garantia a supremacia papal sobre Roma, sobre vasta região no centro-norte da Itália, do Mar Adriático ao Tirreno. Mesmo depois de reconhecida a fraude, o domínio foi mantido. Para entender essa questão, é possível buscar respaldo em Lucien Febvre (2009, p. 30) que sinalizou que “Cada época fabrica mentalmente seu universo, com todos os materiais de que dispõe, todos os fatos, verdadeiros ou não, que herdou ou que acaba de adquirir”. É a representação do passado, produzida mentalmente, para garantir ou reforçar uma legitimação anterior, mesmo que colocada sob suspeita.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Banco de Fugger, de Augsburg, já que as obras exigiam a movimentação de volumes consideráveis de recursos e eles deveriam vir de todos os lados, de doações, de impostos, do comércio de determinados produtos e de monopólios sob a tutela da Igreja, principalmente o alume⁹ e sal.

Roma, certamente poderia ser avaliada como um gigantesco canteiro de obras, uma vez que o registro de um visitante, apontou para uma equipe de dois mil e quinhentos homens, “um verdadeiro exército” (SCOTTI, 2007, p. 109). Dessa forma, apesar de todas as estratégias, as arrecadações não eram suficientes, por isso Júlio II impôs um tributo para todas as propriedades apostólicas, porque além das obras que consumiam materiais e recursos e do pagamento aos trabalhadores, havia o exército do papa, a Guarda Suíça¹⁰, os serviços sociais, as universidades, além do financiamento das artes e das ciências.

Em meio a esse cenário, Agostini Chigi, importante banqueiro e com grande trânsito no departamento financeiro da Cúria, propôs o reestabelecimento da concessão de indulgências, antiga prática da Igreja que concedia a remissão dos pecados para os penitentes que confessassem seus pecados e praticassem caridade. Apesar da resistência inicial, Júlio II acabou convencido de que essa era uma boa medida, já que estabeleceu que uma porcentagem considerável dessa nova fonte fosse destinada às obras da BSP.

Na medida em que algumas obras iam sendo desenvolvidas, outras eram projetadas, tanto por parte da Igreja, quanto de particulares, que recebiam incentivos fiscais do papa, cujo sonho era remodelar a cidade inteira, revitalizando suas diferentes atividades econômicas e culturais.

⁹ Mineral utilizado no processo de tingimento de tecidos.

¹⁰ Formada em 1480 por Sisto IV que impressionado por suas habilidades militares, passou a recrutá-los como mercenários. Hoje guardam as entradas do Vaticano e, apesar de serem considerados como soldados de opereta, portando lanças medievais, são os responsáveis da segurança papal, um pequeno corpo de elite formado por 100 soldados, altamente treinados e munidos de armas modernas, escondidas sob seus gibões.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Miguel Ângelo não ficou fora dessa movimentação. Apesar de apenas ter começado a esculpir o Mausoléu, recebeu de Júlio a incumbência de decorar o afresco da abóboda central, e depois, do teto inteiro da Capela Sistina, em homenagem a seu tio, Sisto IV, de onde vem o nome com que essa obra prima se popularizou.

De acordo com Scotti (2007), os biógrafos, tanto de Miguel Ângelo, quanto de Donato Bramante apontaram para uma acentuada rivalidade entre os dois artistas. Dessa forma, se levantou a hipótese de que o pontífice teria desviado os talentos de Miguel Ângelo para a Sistina para que Bramante pudesse conduzir, sem maiores interferências, a construção da BSP. O resultado desse arranjo, segundo Jacob Burckhardt, consagrou-se em “uma das realizações mais sublimes da humanidade” (1991, p. 143).

Por ocasião do Natal de 1512, Júlio convocou o V Concílio de Latráo, pensando numa futura reforma da Igreja, além disso, diante dos gastos astronômicos, as obras da BSP caminhavam a passos bem lentos e temendo que seus sucessores não pudessem dar continuidade à gigantesca obra, resolveu agilizar o plano de Agostini Chigi. Assim, assinou uma bula que concedia indulgências a todos que contribuíssem com a Santa Sé, mas certamente não contava com as consequências que em breve vieram, a ruptura da cristandade ocidental, que ele próprio não chegou a assistir.

No conclave após a sua morte, foi eleito Giovanni de Médici¹¹, o papa Leão X (1513–1521). Logo sua origem florentina se evidenciou, pois levou para Roma artistas de todos os ofícios, reacendendo a movimentação de antes. As encomendas se multiplicavam na mesma proporção que a concorrência entre os grandes mestres. Nesse cenário, Bramante se viu duplamente limitado, primeiro em função de suas condições físicas, já estava envelhecido e sofria de gota nas mãos, o que o impedia de desenhar, tarefa repassada a um assistente. Em segundo, porque o papa confiou a Giuliano de Sangallo o controle operacional da BSP que nessa época contava com quatro pilares gigantescos que

¹¹ Filho de Lourenço, o Magnífico, teria se tornado padre aos 8 anos, abade beneditino aos 11, e Príncipe da Igreja aos 13, e de acordo com a mentalidade renascentista, apesar de sua formação clerical, fez das artes maior seu ideal.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

deveriam sustentar a cúpula central, as capelas laterais estavam em construção, quando apareceram rachaduras nas pilastras, que deveriam suportar depois todo o peso da cúpula. Nesse sentido, é possível se pensar que muitos duvidassem que o projeto pudesse vingar, pois “era a primeira vez que se fazia tão grande abóboda sob pilares tão incertos” (SCOTTI, 2007, p. 161).

Tempos depois, Rafael se tornou o artista predileto do novo papa que promoveu outro concurso que definisse a construção da nave central e das laterais. A discussão era se seria mantida a cruz latina do antigo projeto ou se teria a forma da cruz grega. Projetos rivalizavam, intrigas envolviam arquitetos e artistas que, trabalhando por encomenda, muitas vezes se ausentavam de Roma para atender a outras solicitações. Enquanto isso, a construção da Basílica estava praticamente parada, ainda que custasse bastante dinheiro somente para manter os canteiros de obras abertos.

A permanência de Rafael não se estendeu por muito tempo e Scotti arriscou que mais que contribuir para o avanço da construção propriamente dita, o artista foi o responsável por desenhos tridimensionais que permitiram a Sangallo, já envelhecido, imprimir novo ritmo ao trabalho de edificação, não sem antes alterar novamente o projeto, ampliando a nave central e reforçando ainda mais a base das pilastras para que o enorme peso da abóboda fosse melhor distribuído, conforme havia previsto Bramante.

As críticas apontaram que Leão X, apesar de ser filho de banqueiro, foi incapaz de administrar os recursos acumulados por Júlio II. Em poucos anos os cofres haviam se esgotados e por isso, a Igreja pôs à venda mitras cardinalícias¹² e reeditou a remissão das indulgências de seu antecessor, ampliando-a. Os pregadores, sob o comando de Lourenzo Pucci, secretário pessoal do papa “espalharam-se pela Europa, especulando sobre o Juízo Final e negociando as indulgências como anuidades eternas” (SCOTTI, 2007, p. 168).

¹² Barrete alto usado pelo alto clero que atestava seu poder e competência espiritual.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Na Alemanha, o monge dominicano Tetzl foi encarregado de comercializar a misericórdia divina. Para tanto, contava com o apoio e colaboração dos banqueiros da família Fuggger, que intermediavam a cobrança, mediante uma comissão. Contrário a esses abusos e à prática de simonia, o monge agostiniano Martinho Lutero liderou o movimento protestante alemão, e passou a divulgar as 95 Teses, em que denunciava publicamente as irregularidades da Igreja, com apoio do príncipe saxão Frederico, numa clara resistência ao poder supranacional e ao escoamento do dízimo das igrejas locais para a Santa Sé. A Saxônia não era o único principado a se opor ao papado naquele momento, outros e também a Grã Bretanha se ressentiam dos pedidos constantes de contribuições para a BSP, o que sugere que o papa não enxergava a cisão que se anunciava. Pouco depois, a situação se apaziguou, pelo menos em parte, já que o conclave de 1521 elegeu o holandês Adriaan Boeyens, Adriano VI (1522–23), que diferentemente de seus antecessores, era de origem humilde e logo se preocupou em corrigir os abusos da corte renascentista dos papas humanistas, anulando concessões de comendas e disposições, sobretudo a venda de bens sagrados, contrárias à disciplina e à moral, além de combater o protestantismo que se alastrava, mas não chegou a completar o segundo ano de papado. Relatos apontam que os romanos comemoraram sua morte e colocaram, na porta da casa de seu médico, um letreiro com os dizeres “Libertador da Pátria”, insinuando que o papa havia sido morto por ele.

No conclave foi eleito Clemente VII (1523–34), primo de Leão X de quem foi assessor, mas diferente dele, procurou organizar o caos em que se encontrava a Igreja. Em poucos meses de papado, instituiu a *Fabbrica di San Pietro nel Vaticano*¹³, com mais de sessenta especialistas vindos de toda a Europa, que deveriam orientar e controlar o andamento de obras e reformas.

Esse período foi marcado por grandes conflitos entre Carlos V da Espanha e Francisco I, da França. O papa apoiou o lado errado e como consequência, sob a bandeira espanhola¹⁴, alemães e

¹³ Um dos departamentos que sobreviveu às transformações internas e que desde sua criação se encarregada da administração dos bens da Igreja e da manutenção das edificações do Vaticano.

¹⁴ Apesar de Carlos V ser tido como cristão devoto e combater os adeptos de Lutero.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

austríacos aniquilaram o Exército Papal e devastaram Roma. Além da destruição material, de estupro, de tortura e assassinatos comuns nessas circunstâncias, após 4 meses de cerco e incêndios, se alastrou uma epidemia de peste. Os invasores confiscaram tudo: o Palácio Apostólico, com a Capela Sistina, como também a nova basílica. No imaginário popular, segundo Erasmo de Rotterdan, em *Elogio da Loucura*¹⁵, para além das questões políticas, tratava-se de castigo divino pela corrupção generalizada no interior da Igreja.

Em meio àquele caos generalizado, Henrique VIII e Francisco I uniram forças e recursos para resgatar o papa das mãos do rei espanhol que, em outra frente, lutava contra o avanço muçulmano e que teria jurado dar sua vida pela Igreja. Por fim, após a negociação da absolvição papal, Carlos devolveu os Estados Pontifícios e Clemente VII deu início ao processo de recuperação do que havia sobrado do Vaticano, além de reafirmar sua autoridade pontifícia.

Com a gradual retomada das obras, Miguel Ângelo recebeu a encomenda de pintar a cena do Juízo Final na parede do altar da Capela Sistina, mas que o papa não chegou a ver. Trata-se de um afresco de 16 metros de altura por 13 de largura, considerado o maior de Roma. Historiadores de arte apostaram que Miguel Ângelo levou mais de ano para pintar o que seria “o dia da ira, que dissolverá o mundo em brasas ardentes e no qual todos os males e injustiças serão vingados”, ou ainda, “o tumulto derradeiro da humanidade caótica, a luta primordial entre o espírito e a carne, o homem e Deus, e o homem com ele mesmo” (BLECH e DOLINER, 2011, p. 187).

Ao todo são quatrocentas figuras gigantescas, algumas com mais de 2,40 metros de altura, a maioria “caindo”, agitando os braços, como se estivessem lutando pela salvação, o que naturalmente causava e continua causando um impacto muito grande em quem as vê. A obra foi apresentada nos festejos do Natal de 1541 e, segundo Vasari, citado por Scotti (2007, p.202), “Roma encheu-se de estupor e reverência, enquanto o papa teria se ajoelhado e chorando”.

¹⁵ Ensaio de 1509, publicado dois anos depois, logo se tornou um dos livros mais influentes da civilização ocidental e um dos catalisadores da Reforma, conforme apontou Lucien Febvre em *O Problema da Incredulidade no século XVI*.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Seu sucessor, Paulo III (1534–49), amante das artes e das ciências, teve sob seu patrocínio importantes nomes, com destaque para Nicolau Copérnico que postulava o heliocentrismo, a revolução dos planetas ao redor do Sol e Antonio de Sangallo, que foi o escolhido para dar andamento à BSP, no entanto, o desgaste sofrido pelo tempo e problemas de infiltração exigiram que algumas partes fossem reforçadas ou mesmo refeitas. Além disso, o papa lhe encomendou uma maquete deveria ser observada pelos sucessores a fim de que o projeto não sofresse novas alterações. Nela Sangallo projetou dois grandes campanários, na parte externa e entre eles ficaria a cúpula ou domo, sobre duas camadas de colunas. No interior, por causa da proximidade do rio Tíbre, elevou todo o piso da Basílica em mais de 3 metros, e abaixo dele construiu criptas e grutas. A súbita morte desse arquiteto, levou Miguel Ângelo a assumir, após longa resistência, a chefia da construção. Ele já contava com mais de 60 anos e o Mausoléu, novamente foi postergado. Para BLECH e DOLINER (2011, p. 178), “Miguel Ângelo acreditava que esse trabalho havia sido imposto por Deus e por isso, se recusou a aceitar qualquer pagamento, mas exigiu que só se reportaria ao papa e não à *Fabbrica*, em que não confiava”. De acordo com seu entendimento a maquete de Sangallo havia corrompido o projeto de Bramante, desfigurando-o, além de desconfiar de desvio de recursos, através de propinas aos fornecedores. Assim, todos os pedidos e contratos de compra de materiais passaram para sua supervisão. Voltou à criação de Bramante, “devolvendo à Basílica uma cúpula central, erguida sobre uma cruz grega, repetiu as pilastras, eliminou adornos, criando um efeito de unidade, ele reduziu a BSP a sua mais simples forma e a seu maior poder”, na avaliação de Giorgio Vasari, citado por SCOTTI (2007, p.218).

Ao longo de quinze anos à frente do papado, Paulo III tomou medidas efetivas para conter a Reforma Luterana: promoveu uma nova orientação institucional, incentivando as ordens religiosas a uma disciplina mais severa e que fossem intelectualmente mais desenvolvidas, a exemplo da Companhia de Jesus; criou o Santo Ofício para resguardar a ortodoxia, ressuscitou a Inquisição e convocou o Concílio de Trento (1545–63), para corrigir os abusos eclesiásticos e reconciliar os dissidentes. De acordo com Guiseppe Alberigo (1999, p. 205), “era a resposta ‘católica’ às ansiedades

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

e às inquietações do homem do século XVI”, porque acreditava que após uma “faxina” do sistema que havia se corrompido, os reformados voltariam, já que defendiam o fim das heresias, além de disciplina e de moralidade eclesial.

Na prática não foi o que ocorreu, as Igrejas Reformadas continuaram a se multiplicar, mas, nesse mesmo período, Fernão de Magalhães oportunizou, com sua viagem ao redor do mundo¹⁶, “superar a perda das almas que haviam se voltado para o protestantismo, com as novas almas prontas para a conversão” (Id. Ibid, p. 264).

Entre 1550 e 1566, as mesmas diretrizes foram perseguidas, por Júlio III, Marcelo II, Paulo IV e Pio IV, responsável pelo encerramento do mais longo Concílio Ecumênico que assegurou, segundo o entendimento da própria Igreja, a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, com destaque para a proibição da venda de indulgências, ou de qualquer outro bem sagrado, do nepotismo para cargos elevados, além da criação de seminários para uma adequada formação clerical.

A cúpula que desde Bramante havia sido o maior desafio, em meio à obra toda, também foi para Miguel Ângelo. Durante 17 anos, quatro pontificados e muitas tentativas de diminuir sua autoridade ou mesmo de afastá-lo, todos ratificaram o compromisso de Paulo III e Miguel Ângelo. Depois de um período de cinco anos em que pouco foi feito por falta de verbas, Pio IV (1559–65) autorizou a retomada dos trabalhos em ritmo mais acelerado. Nessa ocasião, o arquiteto chefe, contava com 86 anos e condições físicas precárias. Apesar de admirado pela maioria, sofria críticas que apontavam para suas limitações e porque, para driblar sua incapacidade de subir em andaimes e verificar o avanço dos pedreiros, fazia pequenas maquetes que lhes serviam de orientação. Estudiosos arriscaram afirmar que sua luta mais ferrenha era para que a cúpula chegasse num ponto tal

¹⁶ Navegador português a serviço do Reino de Castela protagonizou, entre 1519–22, uma das maiores aventuras do século XVI, comandando uma expedição com mais de 240 tripulantes e 5 navios, embora ele próprio não tenha finalizado a viagem, assim como outros 220 companheiros.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

que, após sua morte, outros não pudessem mais alterá-la (BLECH e DOLINER, 2011). Morreu com quase 90 anos, no final do papado de Gregório XIII (1572-85).

O próximo papa, Sisto V (1585–90) foi consagrado sob a cúpula inacabada de Miguel Ângelo e empreendeu uma nova fase de reurbanização da cidade de Roma, canalizando água potável, reconstruindo antigos aquedutos para o abastecimento de fontes, drenando charcos, ampliando avenidas que ligavam as principais igrejas, construindo o Palácio Apostólico, em São João Latrão e uma nova biblioteca no Palácio Papal. Sob seu comando, Roma renasceu como centro espiritual e político, ao criar as instituições do Vaticano moderno¹⁷ e, em relação à BSP, nomeou Giacomo della Porta, como o arquiteto responsável para erguer definitivamente a cúpula, em apenas 30 meses, contrariando sua estimativa de que tal empreitada levaria alguns anos (SCOTTI, 2007).

O papa disponibilizou tanto homens quanto recursos para sua determinação fosse cumprida, para que a pudesse ver ainda em vida. Relatos apontam que um conjunto de 800 trabalhadores, 7 dias por semana, se movimentavam em ritmo acelerado, silenciando apenas “por uma hora, durante a missa dominical” (Id., Ibid, p. 241). Além disso, segundo a mesma autora, cada passo exigia estudo e experimentação, num jogo de inteligência, adivinhação, afinal os conhecimentos da mecânica aplicados à arquitetura só foram desenvolvidos mais tarde.

Assim, a cúpula gradativamente subiu depois de 80 anos que foi projetada, sendo inaugurada, por Sisto V, em maio de 1590, quando podia ser vista de todos os pontos da cidade, tornando-se seu símbolo¹⁸, com mais de 133 metros de altura e 42 de diâmetro, após quase dois anos de intensos trabalhos.

¹⁷ Reorganizou a Cúria das 12 Congregações com uma reforma do Colégio Cardinalício, criou uma tipografia para difundir o Evangelho e revitalizou a Inquisição.

¹⁸ O eixo do mundo, o ponto que marca o elo entre Céu e a Terra, conforme defendeu Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano*.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Pouco depois de ter realizado seu desejo, o papa morreu. E, no ano, o trono de São Pedro foi ocupado por três papas, enquanto della Porta continuava à frente da obra e, em um ano concluiu a lanterna, com um globo e a cruz de 5 metros de altura, em cujos braços repousam dois baús de chumbo, com relíquias e *Agnos Dei*¹⁹. Na parte interna construiu uma capela para Clemente VIII, a quem servia naquele momento e iniciava a decoração interior da cúpula, sendo que cada elemento tinha que ser muito grande em função da altura de onde deveriam ser vistos.

Na base, em letras enormes foi gravada a enunciação *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e te darei as chaves do reino dos céus*. Além disso, um intenso trabalho de mosaicos reveste a parte interna da cúpula, mas levaram alguns anos para serem feitos.

De qualquer forma, o começo do século XVII assistia, apesar das perdas para o protestantismo, a Santa Sé conquistava sua visibilidade material, enquanto reafirmava sua autoridade moral, através da Cúria reformada, em que os padrões éticos e morais do clero eram ajustados à nova mentalidade, ao mesmo tempo em que um amplo programa missionário era levado à Ásia e às Américas e o papa se tornava o paradigma da vida cristã.

Nesse contexto, Roma passava à condição de terceira maior cidade da Europa, atrás apenas de Paris e Londres. Reconstruída pelo espírito renascentista, bastante intelectualizado, entrava no século XVII marcada pelo romantismo barroco mais próximo do cristão, geralmente analfabeto, que se emocionava com o sofrimento, o êxtase e a intermediação milagrosa dos santos e com o martírio de Maria, através da revitalização do culto mariano.

Enquanto as Igrejas Reformadas repudiavam a autoridade papal e a ostentação do Vaticano, a *Fabbrica*, antes desacreditada por Miguel Ângelo, tornou-se uma instituição organizada, guardiã de toda documentação referente à demolição da antiga Basílica de Constantino e da longa edificação da nova, com os relatórios de cada etapa de trabalhos, além de ser a depositária das obras

¹⁹ Medalhões de cera.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

de arte e dos tesouros do Vaticano. Já contava, naquela época, com escritórios em muitas cidades, responsáveis pelo recolhimento e pela administração de contribuições e doações destinadas à Igreja. Pouco antes da conclusão final, a *Fabbrica* montou uma equipe de funcionários, os *Sampietrini*, profissionais especializados, como pedreiros, carpinteiros, pintores, argamassadores, entre outros, para a manutenção física e decorativa da basílica (ALBERIGO, 1999).

Estruturalmente quase pronta para ser inaugurada, Paulo V (1605–21) recusou a cruz grega que marcava os espaços internos, justificando que esse formato não acomodaria a multidão que esperava receber para as canonizações, para as liturgias e demais celebrações. Por isso, em 1607, a *Fabbrica* promoveu um concurso para que fosse redesenhado o interior da BSP, apesar da promessa de vários papas de que a orientação de Miguel Ângelo não fosse alterada.

O vencedor foi Carlos Maderno que desde jovem já trabalhava na obra e que transformou a cruz grega em latina, alongando os braços, mas mantendo a ordem das pilastras, favorecendo a dimensão da nave central. Três anos mais tarde, teve início a construção da fachada externa de mais de 110 metros de altura por 50 de largura. No centro do pórtico ficou a Sacada das Bênçãos, a varanda de onde, desde então, os papas têm abençoado os romanos e os peregrinos do mundo todo, *Urbs et Orbis*²⁰.

O acesso ao Túmulo de São Pedro, marcou o processo de finalização, uma vez que, em tese, a construção de mais de um século, se justificava para justamente para a veneração dos restos mortais do Apóstolo, que hoje, se acredita, repousam exatamente abaixo de onde se encontra o Baldaquino de Bernini, contratado por Urbano VIII (1623–44), logo após sua sagração. O novo pontífice, florentino de origem, nutriu esperanças de que a Igreja retornasse ao espírito do renascimento, engajando-se nos movimentos intelectuais que floresciam naquele começo de século. Sua

²⁰ À cidade de Roma e ao Mundo, bênção com a qual o papa se dirige ao público em geral na Praça de São Pedro, ao final do conclave que o elegeu, quando se apresenta como o novo chefe da Cristandade Latina e, ainda, por ocasião das celebrações do Natal e da Páscoa, em que o Papa concede indulgência àqueles que tenham, anteriormente, confessado e recebido a comunhão (ROSAY, 1992).

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

primeira encomenda para Gian Carlo Bernini foi um dossel ou baldaquino para emoldurar o altar, compondo um eixo que ligasse a Cúpula ao Túmulo de São Pedro.

A obra feita inteiramente de bronze fundido, custou algumas toneladas desse metal retirado ao antigo Pórtico do Panteão, aliás, não era a primeira vez que obras clássicas eram sacrificadas em nome da BSP, sob a alegação de que “o material seria dirigido para uma causa que agradaria mais a Deus do que os templos pagãos” (SCOTTI, 2007, p. 273).

Desde que foi indicado para substituir Madero, até sua morte, Bernini fez de Roma sua oficina e a revestiu de arte: construiu novos palácios, praças, igrejas, pontes, o Castelo Gandolfo²¹, além dos campanários da BSP, que só ficariam prontos anos depois da inauguração oficial da BSP, em 18 de novembro de 1626, 178 anos depois do desejo de Nicolau V e 120 anos do início da empreitada por Júlio II.

Apesar das interrupções, das modificações do projeto pioneiro, de 27 papas, de Bramante, de Sangallo, de Miguel Ângelo e de Maderno, além um custo incalculável e da quebra da unidade cristã, Urbano VIII, à frente do Colégio Cardinalício, consagrou a Basílica, centro e sede do papado em que reina absoluto, “o Bispo de Roma, Vigário de Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Chefe Supremo da Igreja Universal, Patriarca do Ocidente, Primaz da Itália, Arcebispo e Metropolitano da Província Eclesiástica de Roma, Soberano do Estado do Vaticano” (ROSAY, 1992, p.239).

É de se pensar que os romanos todos tenham comparecido à cerimônia, além de reis e representantes das cortes europeias, além daqueles que haviam trabalhado na obra como arquitetos, pedreiros, pintores, talhadores, entre tantos outros artesãos. Certamente religiosos de todas as ordens também devem ter comparecido como jesuítas, beneditinos, dominicanos e franciscanos. No entanto, apesar de toda sua grandiosidade, é possível que aqueles que não puderam entrar na

²¹ Residência de verão dos papas.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Basílica, tenham se aglomerando na praça, como acontece até hoje, embora não tenham podido acompanhar a celebração.

A longa história da construção da BSP se completou com Fabio Chigi, o papa Alexandre VII (1655–67), sobrinho de Agostino Chigi, banqueiro romano, como apontado anteriormente, que havia nos tempo de Júlio II exercido importante papel na política financeira do Vaticano e proposto o restabelecimento das Indulgências como forma de equilibrar os custos da edificação da Basílica. Bernini ainda era o arquiteto chefe e logo se encarregou da construção da Escada Régia, que permitiu no acesso à Sala Régia e a outras dependências de recepção do Palácio Apostólico²², além de uma das fontes que adornam a praça²³. Ainda era necessário instalar a Cátedra de S. Pedro²⁴, e para isso Bernini construiu um grande trono de bronze, que lendariamente era uma cadeira em que o Apóstolo teria se sentado. Na verdade, tratava-se de um presente do carolíngio Carlos, o Calvo, no século IX ao papa João VIII. Novamente apontamos para a força da tradição, mesmo quando registros apontam para outra situação²⁵.

No entanto, nada superou as Colunatas de Bernini, conhecido como “o teatro dos pórticos” que permite que os fiéis, de qualquer lugar da praça tenham boa visão da Sacada das Bênçãos, e receber a Bênção papal, o *Urbs et Orbis*. Para essa realização, a *Fabbrica* teve que remover comerciantes, demolir casa, comprando os terrenos ao redor de toda a praça, uma área de 340 metros de comprimento, em formato oval. Cada coluna, por sua vez, abriga quatro fileiras de colunas, largas o suficiente para a passagem das carruagens da época e para os automóveis de hoje. No alto, adornando as colunatas, desde então estão dispostas grandes estátuas de santos e papas, “os anjos de

²² <http://www.vatican.va>. Acesso em 14 de julho de 2015.

²³ A outra foi construída por Madero.

²⁴ Cadeira ou trono de S. Pedro, utilizado pelo papa no exercício de sua autoridade máxima e ex cátedra, quando define uma doutrina de fé ou costumes que deve ser sustentada por toda a Igreja. (ALBERIGO, 1999, p. 276).

²⁵ Esse caso, em tudo se assemelha ao apontado na página 4, nota de rodapé n. 8, que sinaliza para as considerações de Lucien Febvre (2009) acerca da ineficácia da desconstrução de “verdades”, comprovadamente enganosas.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Bernini” como se abençoassem, como teria dito Edward Gibbon, citado por Scotti, “dois milhões de toneladas de pedra, transformadas em espírito, na mais gloriosa estrutura já colocada a serviço da religião” (2007, p. 291).

Após 120 anos e o envolvimento de papas, de imperadores, de reis, de artistas e operários de todos os ofícios, alianças, intrigas, batalhas, esperanças, egos exaltados e feridos, genialidades, demolições, construções e reconstruções, o resultado disso tudo, além da dimensão e da majestade da obra, foi a recuperação de Roma da ruína em que encontrava e sua transformação em Cidade Eterna.

BASÍLICA DE SÃO PEDRO: História, Poder e Arte

Referências

- ALBERIGO, G. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BLECH, B.; DOLINER, R. *Os Segredos da Capela Sistina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento*. Brasília: UnB, 1991.
- BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FEBVRE, L. *O Problema da incredulidade do século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ROSAY, J. M. *Dicionário do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.
- SCOTTI, R. A. *Basílica de São Pedro: esplendor e escândalo da Catedral do Vaticano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ROTTERDAM, E. de. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Rideel, 2003.
- VEYNE, P. *Quando Nosso Mundo se Tornou Cristão (312-394)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.